

A prática do bullying em adolescentes do gênero feminino

The practice of bullying in adolescents of the female gender

La práctica del bullying en adolescentes del género femenino

Daniela de Aquino Freire^I, Raquel Rufino da Silva^{II}, Thaís da Silva Oliveira^{III}, Kydja Milene Souza Torres^{IV}, Juliana da Rocha Cabral^V, Maria Lucia Neto de Menezes^{VI}

Resumo: Objetivo: analisar se o *bullying* é praticado com frequência entre meninas adolescentes, quem pratica e as consequências. **Método:** estudo exploratório, transversal com abordagem quantitativa. A população da pesquisa foi meninas com idade entre 10 e 19 anos, regularmente matriculadas numa escola pública em Recife-Pernambuco. Os dados foram coletados em fevereiro e março de 2019, e obtidos por meio de entrevistas com perguntas objetivas relacionadas à temática. **Resultados:** participaram 60 meninas (idade média de 14 anos). A maioria (68,4%) respondeu que se sentia vítima de *bullying*; 49,9% são vítimas, de acordo com a frequência de exposição às agressões e 76,6% sofreram *bullying* vindo de meninos; 26,6% apresentaram consequências ruins em decorrência do ato. A forma verbal foi a mais citada (31,6%). **Conclusão:** há elevada prevalência de adolescentes vítimas de *bullying*. Salienta-se a importância da família e comunidade escolar na quebra de paradigmas sociais a fim de minimizar a ocorrência do *bullying*.

Descritores: Bullying; Meninas; Adolescente; Serviços de saúde para estudantes

Abstract: Objective: to analyze whether bullying is frequently practiced among adolescent girls, those who practice it and the consequences. **Method:** exploratory and cross-sectional study with a quantitative approach. The research population was girls aged between 10 and 19 years, regularly enrolled in a public school in Recife-Pernambuco. Data were collected in February and March 2019, being obtained through interviews with objective questions related to the theme. **Results:** it was attended by 60 girls (average age 14 years). Most (68.4%) answered that they felt victimized by bullying; 49.9% are victims, according to the frequency of exposure to aggressions and

^I Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem, Universidade de Pernambuco - UPE, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: daniela_3439@hotmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6708-5139>

^{II} Enfermeira, Especialista em Saúde da Mulher, Universidade de Pernambuco - UPE, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: raquelrufinosilva@gmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5925-0520>

^{III} Enfermeira. Mestra em Enfermagem, Universidade de Pernambuco - UPE, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: thaiss.oliveira90@gmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6461-201X>

^{IV} Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem, Universidade de Pernambuco - UPE, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: kydjamilleny@hotmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-5258-8780>

^V Enfermeira. Doutoranda em Enfermagem, Universidade de Pernambuco - UPE, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: jucabral06@hotmail.com, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0003-3827-996X>

^{VI} Enfermeira. Docente da Universidade de Pernambuco - UPE, Recife, Pernambuco, Brasil, E-mail: maria.luciamenezes@yahoo.com.br, ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-7161-8049>



76.6% were bullied by boys; 26.6% showed bad consequences derived from this act. Verbal form was the most cited (31.6%). **Conclusion:** there is a high prevalence of adolescent victims of bullying. It emphasizes the importance of the family and school community in breaking social paradigms in order to decrease the occurrence of bullying.

Descriptors: Bullying; Girls; Adolescent; Student Health Services

Resumen: Objetivo: analizar si el *bullying* se practica con frecuencia entre niñas adolescentes, quien lo practica y las consecuencias. **Método:** estudio exploratorio y transversal con enfoque cuantitativo. La población de investigación se compuso de niñas entre 10 y 19 años, inscritas regularmente en una escuela pública en Recife-Pernambuco. Los datos se recopilaron en febrero y marzo de 2019, y se obtuvieron mediante entrevistas con preguntas objetivas relacionadas con el tema. **Resultados:** participaron 60 niñas (edad promedio 14 años). La mayoría (68,4%) respondió que se sentía víctima de *bullying*; 49,9% son víctimas, de acuerdo con la frecuencia de exposición a las agresiones y 76,6% sufrieron *bullying* de niños; 26,6% presentaron malas consecuencias como resultado del acto. La forma verbal fue la más citada (31,6%). **Conclusión:** hay una alta prevalencia de adolescentes víctimas de *bullying*. Se subraya la importancia de la familia y la comunidad escolar para romper los paradigmas sociales con miras a minimizar la aparición del *bullying*.

Descriptor: Bullying; Niñas; Adolescente; Servicios de Salud para Estudiantes

Introdução

O *bullying* é um fenômeno que atinge, principalmente, crianças e adolescentes em idade escolar em todo o mundo, sendo descrito como a forma de violência escolar mais frequente. Na atualidade, estabeleceu-se como um grave problema de saúde pública, devido às suas importantes consequências a curto e longo prazo para saúde e desenvolvimento individual, familiar e comunitário. Caracteriza-se por agressões repetitivas e intencionais de várias ordens: psicológica, sexual, física, *cyberbullying*, entre outros tipos de manifestações. Os atos de intimidação que configuram o *bullying* são preconcebidos de forma sistemática, e, repetidamente, impostos a indivíduos supostamente vulneráveis, indefesos, que se sujeitam a essas ações, o que ocasiona dano psicológico, físico, isolamento e marginalização, entre outras consequências. Segundo o Ministério da Saúde (MS), a adolescência é caracterizada no período de 10 a 19 anos e é uma fase biopsicossocial na qual ocorrem transformações de caráter físico, social, cognitivo e emocional.¹⁻²

No Brasil, a ocorrência do fenômeno foi mapeada pela Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE), uma parceria do **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)** e do

MS. Em sua terceira edição realizada no ano de 2015, verificou-se que cerca de um quinto dos escolares praticaram o ato, além disso, concluiu que os agressores apresentam mais comportamentos de risco à saúde, tais como, consumo de tabaco, álcool, drogas e relação sexual precoce. Além de problemas relacionados à saúde mental. Esses resultados trazem preocupações nos âmbitos da psicologia, educação e saúde, uma vez que, as consequências do *bullying* repercutem nas condições de saúde e desenvolvimento psicossocial dos estudantes vítimas do fenômeno.³⁻⁴

Vitimização, baixa auto-estima, ansiedade, medo, cefaleia, enurese, evasão escolar, depressão, ideias suicidas e suicídio são alguns dos efeitos que as pesquisas mais recentes mostram que podem atingir toda a vida escolar e a vida adulta dos envolvidos como *bullying*, seja como vítima ou como agressor. Além disso, o *bullying* é considerado como um dos indicadores para o diagnóstico do transtorno de conduta, favorecendo o desenvolvimento de quadros de comportamentos antissociais e de criminalidade. Com base nisso, são necessários mais estudos para ampliação das intervenções pedagógicas, sociais e na área da saúde.⁵

Sabe-se, ainda, que o fenômeno *bullying* manifesta-se de forma diferente entre os sexos. Estudos mostram que meninas vítimas do ato apresentam autoestima mais baixa quando comparadas ao sexo oposto, e que utilizam mais agressões indiretas, e não-físicas, definidas como agressão social.⁶

Embora os meninos pratiquem mais violência física do que as meninas, estudos têm mostrado que meninas praticam cada vez mais *bullying*, e mulheres vítimas de violência doméstica o toleram em suas relações e nos seus casamentos. Estas que sofrem agressão física dos maridos afirmam que a prática começou quando sofreram *bullying* na escola e nunca reagiram. O relatório sobre Violência e Lesões no Brasil mostrou, ainda, que as estimativas brasileiras para a violência entre parceiros íntimos também foram superiores e que propiciam graves prejuízos à saúde da mulher, das crianças e adolescentes que vivem e/ou presenciam esse

contexto. As consequências vão de arranhões ao óbito expressos pelas diferentes manifestações da violência, demandando alternativas por parte dos serviços sociais e de saúde.⁷

Vale ressaltar que as relações de desigualdade de poder na família podem revelar um lar permissivo em que há uso de violência como forma de disciplina, sem quaisquer habilidades para resolução de conflitos, o que leva as crianças e adolescentes reproduzirem tais condutas com colegas e professores.⁵

Diante deste cenário, este estudo faz-se necessário e relevante pela amplitude das consequências desse fenômeno, que podem ser as mais variadas possíveis, sendo as mulheres as principais vítimas. Além disso, as repercussões desse tipo de violência podem levar marcas profundas das agressões para a vida adulta, exigindo a necessidade de apoio psicológico para contribuir na superação do problema. Com isso, esse trabalho em questão pode proporcionar meios para contribuir na assistência à saúde a essa população.

Partindo da premissa de que a escola é de fundamental importância no desenvolvimento do ser humano, realiza-se o seguinte questionamento: com que frequência, quem pratica e quais as consequências do fenômeno *bullying* entre meninas adolescentes? Para responder essa pergunta, foi realizado o presente estudo que teve como objetivos analisar se o fenômeno *bullying* é praticado com frequência entre meninas adolescentes; identificar quem o pratica e as consequências desse ato.

Método

Este estudo é recorte de um projeto matricial intitulado: “Educação sexual sob o olhar de adolescentes escolares, docentes e gestores do ensino fundamental do Recife”. Para alcançar os objetivos dessa pesquisa foi realizado um estudo do tipo exploratório, transversal com abordagem quantitativa.

A pesquisa foi realizada em uma escola Municipal na cidade de Recife-Pernambuco. A escola possui 734 estudantes regularmente matriculados, sendo 339 do fundamental I e 395 do fundamental II.

Foram incluídas no estudo meninas adolescentes com idade entre 10 e 19 anos, faixa etária da adolescência segundo o MS,¹ regulamente matriculadas do 7º ao 9º ano. Foram excluídas, aquelas que não apresentaram o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido assinado pelos responsáveis.

Para efeito de cálculo e tamanho, foi utilizada uma calculadora estatística - *Raosoft sample size calculator* online, estabelecida margem de erro de 5%, intervalo de confiança de 95% e prevalência de problema de 85,8%. Assim, obteve-se uma amostra total de 60 indivíduos. A coleta de dados foi realizada nas dependências da escola em dias e horários determinados pela coordenação. Os dados foram coletados nos meses de fevereiro a março de 2019.

A fim de traçar o perfil das participantes, utilizaram-se os dados socioeconômicos: religião, escolaridade materna e uso de álcool e outras drogas. Para investigar o *bullying*, utilizou-se o questionário *Kidscape* que define categorias e classificações sobre o *bullying*. É um questionário o qual foi padronizado pela instituição inglesa em 1985, que possui o mesmo nome do psicólogo infantil Michelle Elliot. O questionário é autoaplicável e possui 17 perguntas objetivas. Inicialmente apresenta perguntas que objetivam conhecer se o estudante já sofreu *bullying* e encerra com questões que procuram identificar se o participante já praticou *bullying*. O questionário *Kidscape* não possui adaptação para o Brasil, sendo, apenas, traduzido, isso limita os resultados no que se diz respeito à prevalência, porém permite a compreensão do cenário escolar brasileiro dentro desta perspectiva.⁷

As questões procuram identificar se as vítimas sofreram agressões, intimidações ou assédio, quando e como aconteceram e se sofreram quais as consequências dessas, além de pesquisar que soluções as vítimas podem propor para solução do problema.⁷

O questionário foi aplicado após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para maiores de 18 anos e para os pais/responsáveis dos menores de 18 anos. Aplicou-se, também, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido nos adolescentes de menor faixa etária assinados por pais/responsáveis.

Após a coleta de dados, foi elaborado um arquivo com a codificação dos dados em uma planilha do programa *Excel 2010 XP*, em seguida foram realizados cálculos de porcentagem e frequência de cada uma das variáveis, com a posterior confecção de tabelas e exposição dos resultados.

O desenvolvimento do estudo seguiu as diretrizes da Resolução 466/2012 e 510/16 do Conselho Nacional de Saúde, tendo aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa do Complexo Hospitalar da Universidade de Pernambuco, registrado sob parecer: 2.315.612 em 05 de outubro de 2017.

Resultados

Participaram deste estudo 60 meninas com idade entre 10 e 19 anos, a idade média foi de 14 anos, considerando-se a faixa etária de 12 a 15 ou mais. A cor da pele parda foi a mais prevalente (58,33%), seguida da cor preta (23,33%). Em relação ao ano de escolaridade (38,33%) cursavam o 8º ano, (36,66%) o 7º ano e (25%) o 9º ano. Quando a pergunta foi renda, (38,33%) das estudantes adolescentes não souberam informar a renda familiar e (35%) relataram renda de até um salário mínimo. A religião evangélica foi a mais respondida com (46,44%), seguida da católica (26,66%). No que diz respeito a tabagismo, uso de álcool e outras drogas, o resultado mostrou-se igual para as três substâncias, em que 43% das participantes afirmaram fazer uso.

Nesta continuidade, o primeiro resultado a ser pronunciado corresponde à prevalência do fenômeno *bullying*, em que se questionaram às estudantes se já tinha sofrido algum tipo de intimidação, agressão e assédio. Das 60 participantes da pesquisa (68,4%) responderam que sim.

Quando se perguntou às estudantes com que idade elas tinham quando o fenômeno aconteceu, houve um predomínio de 45% na idade de 11 a 14 anos. Já menores de 05 anos e maiores de 14 anos mostraram um menor índice com 3,3% e 13,3%, respectivamente.

Quando foi perguntado sobre a última vez que as estudantes sofreram algum tipo de intimidação, agressão ou assédio, 13,3% relataram ter sofrido no mesmo dia da coleta de dados, já 41,6% responderam há um ano ou mais. Em relação ao quantitativo de vezes que as estudantes já haviam sofrido intimidação, agressão ou assédio, 33,3% afirmaram diversas vezes e (16,6%) quase todos os dias, como pode ser observado na Tabela 1.

Tabela 1 - Frequência da agressão e o quantitativo de vezes em uma escola municipal. Recife, Brasil, 2019

Quando	Frequência da agressão	%	Quantitativo	Frequência da agressão	%
Hoje	08	13,3	Uma vez	23	38,3
30 dias	12	20,0	Diversas vezes	20	33,3
Há seis meses	15	25,0	Quase todos os dias	10	16,7
1 ano ou mais	25	41,7	Várias vezes ao dia	07	11,7

Fonte: Dados primários. Elaborado pelas autoras.

Os atos de *bullying* ocorreram, neste estudo, em grande parte, em outro lugar (35%), seguidos de no caminho da escola (26,6%), na sala de aula (23,3%), no pátio (8,3%), banheiro (5%) e (1,6%) no refeitório. Outra preocupação foi o sentimento que ocorria no momento das agressões 22 (36,6%) das estudantes responderam que se sentiu mal com as atitudes vinda dos colegas, 12 (20%) não se incomodaram, e cinco (8,3%) responderam ter medo de ir mais a escola.

O presente estudo investigou sobre quais foram às consequências da intimidação, agressão ou assédio sofrido por elas. Na Tabela 2 pode-se observar que 16 (26,6%) responderam ter tido consequências ruins e quatro (6,6%) precisaram se mudar de escola.

Tabela 2–Frequência das consequências da intimidação, agressão ou assédio e o pensamento acerca de quem pratica intimidação, agressão ou assédio em uma escola municipal. Recife, Brasil, 2019

Consequências	Frequência	%	Pensamento	Frequência	%
Não teve	28	46,7	Não penso nada	12	20,0
Consequências ruins	16	26,6	Tenho pena	26	43,3
Consequências terríveis	12	20,0	Gosto deles	21	35
Fez mudar de escola	04	6,7	Não gosto deles	01	1,7

Fonte: Dados primários. Elaborado pelas autoras.

Questionadas sobre de quem era a culpa em relação às intimidações, agressões ou assédios recebidos, a maioria apontou ser do próprio agressor 39 (65%). Do total, 9 (15%) e 8 (13,3%) responderam que a culpa de serem agredidas era dos pais dos agressores e da direção da escola, respectivamente. Um aspecto muito relevante e que teve percentual mínimo de uma (1,6%) foi que afirmaram que a culpa pelas agressões era da vítima. Três responderam ser de outros estudantes e ninguém respondeu que a culpa seria do professor. Quando foram questionadas sobre quem intimidou, agrediu ou assediou 46 (76,6%) responderam menino.

Ainda, na Tabela 3, pode-se perceber que quando foi questionado sobre o que as escolares pensavam sobre quem pratica intimidação, agressão ou assédio na escola, 26 (43,3%) afirmou que tinham pena dos praticantes e uma (1,6%) relatou não gostar dos agressores.

Tabela 3 - Distribuição do tipo de intimidação, agressão ou assédio em uma escola municipal. Recife, Brasil, 2019

Tipo	Frequência	%
Físico	06	10
Verbal	19	31,7
Emocional	12	20
Sexual	07	11,7
Racista	16	26,6

Fonte: Dados primários. Elaborado pelas autoras.

Outro ponto importante analisado e que está exposto na Tabela 3 foram os tipos de *bullying* que os estudantes alegaram ter sofrido. A forma verbal com 19 (31,6%) foi a mais citada

entre as escolares. Já sete (11,6%) afirmaram ter recebido a intimidação, agressão ou assédio do tipo sexual.

Quando as entrevistadas foram questionadas se já haviam praticado intimidação, agressão ou assédio, 19 (31,6%) respondeu ter praticado e 41 (68,4%) responderam que nunca realizaram a prática. Como última pergunta e não menos importante, foi sobre as soluções que as entrevistadas propuseram para resolução do problema do *bullying*. Pode-se perceber que 14 (23,3%) afirmaram que a melhor solução seria a prisão dos agressores. Já, 23 (38,3%) entenderam que a direção da escola é que deveria resolver o problema, 10 (16,6%) propuseram que os pais interviessem e 13 (21,6%) acreditavam que os próprios estudantes que sofriam o processo de *bullying* que deveriam resolver, não aceitando as agressões.

Discussão

Os resultados da pesquisa apontam para uma elevada prevalência de agressão, isso pode ser confirmado após 68,4% das entrevistadas terem respondido que sofreram o *bullying*. Estes dados vêm sendo comprovados, também, por estudos recentes na cidade do Recife. Uma pesquisa realizada em Florianópolis, em 2014, traz uma prevalência de 29,5% para vítimas de *bullying* na faixa etária de 10-14 anos.²

A literatura nacional aponta frequência semelhante da vitimização e frequência de *bullying* entre os sexos, embora, segundo a mesma pesquisa, vários estudos anteriores mostraram o sexo masculino como fator de risco para praticar o ato. Relaciona-se esse fato as características do *bullying* entre meninos e meninas, que diferenciam no que tange à agressividade física, sendo os meninos mais agressivos, e as meninas mais sutis em suas agressões, usando a humilhação, intrigas e boatos como forma menos perceptível para a prática, em consonância com os dados da Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar em 2015, que também verificou prevalência semelhante entre os sexos.²⁻³

Diante de um alto resultado de *bullying* no estudo, vale ressaltar a grandiosidade do papel do professor em relação à prática de conversação para favorecer evocações, e/ou sentimentos voltados à agressão que permitam aos responsáveis atitudes sem discriminações e que possam minimizar a problemática. Para isso, o adolescente precisa ser ouvido, os responsáveis também devem relatar alguma prática diferente que possa associar ao *bullying*.⁸⁻⁹

Prosseguindo, com base nos resultados obtidos, foi possível verificar uma ocorrência maior de vitimização de *bullying* nas adolescentes quando tinham entre 11 e 14 anos (45 %), e 13,3% declararam sofrer *bullying* ao passar dos 14 anos. Porém um estudo realizado na Paraíba, no ano de 2018, com 277 meninas da rede pública de ensino, revelou uma prevalência maior de ocorrência de *bullying* nas meninas maiores de 14 anos (32,95%), e menor (28,97%) em meninas entre 10 e 14 anos. Já o Ministério da Saúde, na Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar de 2012, também descreveu a faixa etária até 14 anos como mais prevalente para o fenômeno *bullying*. Isso pode ser justificado ao fato de estudantes maiores de 14 anos terem maior liberdade e autonomia social dentro do contexto escolar, o que os protegem das agressões.²⁻³

Vale salientar que a prevalência da idade demonstrada nos resultados desse estudo pode estar voltada à maturidade do estudante, ao machismo, que ainda está muito presente no contexto social, ao modo de vida que esses adolescentes têm no seu meio familiar, entre outros fatores. Além disso, vê-se que, as meninas entre 10 e 14 anos estão mais propensas a sofrer *bullying*, seja por meninos ou meninas, e que essa faixa etária coincide com o período puberal, então muitas vezes é possível que os sintomas de isolamento social, depressão, insônia, estresse, sejam confundidos pelos pais e professores com essa fase biológica da vida da adolescente.

É válido frisar que o *bullying* é um fenômeno que se manifesta por sua repetição. Uma pesquisa com adolescentes escolares realizada em Sergipe mostrou que 19,1% dos estudantes sofriam *bullying* devido à frequência que referiam as agressões, e não apenas considerando a existência de um único, ou de poucos episódios, sendo destes estudantes 55,9% meninas. Já,

nota-se, nesse estudo, uma prevalência ainda maior de 49,9% de vítimas de *bullying*, de acordo com a frequência de exposição às agressões (deve-se levar em consideração que a amostra dessa pesquisa é composta apenas por meninas). Esses valores corroboram com a pesquisa realizada pela Organização das Nações Unidas com mais de 100 mil crianças e jovens de 18 países, que mostrou que, em média, metade deles já sofreram *bullying*.²⁻¹⁰

A literatura revela a escola como o principal local de ocorrência do *bullying*. Já, em contrapartida, este estudo demonstrou que (35%) das adolescentes sofreram *bullying* em outro local, que não a escola. Outros estudos mostram que mais da metade das vítimas de *bullying* sofrem a agressão no pátio da escola, visto que é um ambiente com menor supervisão dos professores. Porém, a maioria das entrevistadas dessa pesquisa afirmou sofrer a violência na própria sala de aula. Isso pode estar relacionado, mais uma vez, ao fato das características do *bullying* entre meninas serem menos perceptíveis, estando presente de forma silenciosa em todos os ambientes escolares, tornando-se ainda mais difícil de combatê-lo.¹⁰⁻¹¹

Estudo comparativo realizado entre jovens escolares brasileiros e portugueses evidenciou maior prevalência da prática de *bullying* no ambiente escolar brasileiro quando comparado ao português, com percentis de 60,75% e 20,31% respectivamente.¹² Estudo mostrou que os adolescentes da amostra portuguesa apresentam maior senso de generosidade e preocupação com aquele que está sendo agredido, o que pode justificar o menor percentil, e associam a maior prevalência do *bullying* nas escolas brasileiras à falta de empatia e solidariedade com os agredidos, como foi possível observar também nos resultados do presente resultado. Acredita-se que a prática do *bullying* esteja associada à vontade do adolescente de torna-se mais popular e poderoso diante dos demais no ambiente escolar.¹²

Continuando sobre os variados locais que o processo de *bullying* pode acontecer vale salientar que esses cenários podem estar associados, novamente, à maturidade do adolescente. Nesse contexto, o conhecimento frágil do agressor sobre o que é o fenômeno e as consequências

que a prática pode resultar, favorece a fragilidade na formação de vínculos afetivos e harmonia no convívio.

Outro ponto considerado importante no questionário foi sobre o sentimento das vítimas. A literatura mostrou que as vítimas de *bullying* e as testemunhas dessa prática, obtiveram desempenho escolar prejudicado, como em leitura e escrita, segundo escore aplicado.¹⁰ Esses sentimentos favorecem as mudanças físicas e psíquicas dos adolescentes, mas, também, tais mudanças físicas podem não ocorrer por não dependerem do querer do estudante e sim do seu biótipo, mas, também, vale salientar, que, possivelmente, ocorrerão alterações psíquicas que se revelam no seu corpo.

Quando se trata sobre a culpa das intimidações, agressões e assédios, os resultados demonstram que (65%) das entrevistadas afirmaram ser do próprio agressor, seguido dos pais do agressor (15%). Em meio a esses dados, resultados semelhantes foram encontrados em outro estudo em que o pesquisador sugere que o Estado é o responsável, pois deve criar políticas públicas no que se refere à violência escolar, e também traz a família e toda a comunidade escolar como corresponsáveis pela prática do *bullying*.¹⁰

Apesar das adolescentes que participaram desta pesquisa acreditarem, em sua maioria, que a culpa do *bullying* é do agressor, é importante trazer à tona para elas a responsabilidade de toda comunidade escolar. Assim, é possível estimular que as mesmas possam reivindicar da escola o cumprimento da Lei que institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática.

De acordo com a pesquisa 76,6% das meninas sofrem *bullying* vindo de meninos, embora cada vez mais tenha sido comprovada a igualdade da prevalência entre meninos e meninas que praticam o fenômeno. Devem-se levar em consideração que a prática típica do sexo masculino é mais notória e que meninos agredem tanto meninas quanto meninos. Já as meninas quando agressoras atingem mais as meninas.²

O *bullying* manifesta-se por várias tipologias, de acordo com os dados obtidos nessa investigação o tipo de *bullying* mais presente foi o verbal, atingindo 31%. Esse tipo de ato também é o mais prevalente em outros grupos, como identificado em estudos com adolescentes obesos, chegando a um índice de 95%. Em estudo no Rio Grande do Sul, o *bullying* verbal chegou à prevalência de 92% em meninas e em 84% em meninos. Já na presente pesquisa, o *bullying* expresso em forma de racismo foi expressivo chegando a 26,6%, estando acima do *bullying* emocional, diferente de outros estudos, os quais mostram que o verbal normalmente vem seguido do tipo emocional ou psicológico. O *bullying* sexual teve uma porcentagem de 11,6%, menor em relação a outros estudos.^{9,13}

Mesmo o racismo ainda não sendo consistente na literatura como forma de *bullying* prevalente, trabalhos tem observado que a vitimização de *bullying* no Brasil é predominante nos estudantes de cor de pele declarada preta e parda e a cor de pele branca revela-se como fator de proteção. Em outras palavras, segundo vários estudos, a maioria das vítimas de *bullying* é da raça negra ou parda, porém o tipo de *bullying* não é identificado como racismo, ao contrário da presente pesquisa que traz o racismo como a segunda causa de *bullying* em adolescentes escolares do sexo feminino.^{2-3,7}

Apesar de 20% das entrevistadas alegarem sofrer mais *bullying* do tipo emocional, esse número ficou distante de pesquisas recentes que chegam a 70% de frequência de *bullying* emocional em meninas. Possivelmente porque o racismo pode ser empregado como forma de *bullying* emocional ou psicológico. Em relação à prática do *bullying*, 68,4 % das entrevistadas responderam nunca ter praticado, porém um estudo mais atual foi possível evidenciar não haver diferença na participação de meninos e meninas. A grande diferença permeia as manifestações das diferentes tipologias. A pesquisa ainda sugere que o acesso a comunicação digital tem favorecido o aumento de *bullying* entre meninas. Esses resultados devem-se, provavelmente, ao fato do *bullying* entre as meninas não ser de forma mais prevalente, do tipo físico.¹⁴

As adolescentes entrevistadas propuseram soluções para o problema do *bullying* praticado nas escolas. Merece destacar que grande parte compreende que a direção da escola é quem é responsável por resolver o problema. Outro ponto importante e de impacto é que cerca de 23,3% afirmaram que a prisão dos agressores seria a melhor solução para o fenômeno *bullying*. A lei nº 13.185, em vigor desde 2016, classifica o **bullying** como intimidação sistemática. Essa lei estabelece padrões e objetivos para as escolas combaterem o *bullying*, mas não é clara quanto a punições de pais, estudantes ou professores.¹⁵

Vê-se a importância de redes de apoio para o enfrentamento do fenômeno *bullying* e também a grandiosidade de ações de promoção e prevenção. Torna-se relevante mencionar que realização de ações educativas que podem sensibilizar a população geral, visando diminuir o número de casos (racismo, preconceito, agressões verbais, entre outros). A partir disso, disseminar informações para o público pode contribuir como uma ferramenta de incentivo a atitudes positivas que ajudem a enfrentar o problema.

Além disso, é necessário reconhecer as situações de *bullying*, oferecer ajuda, capacitar professores, profissionais da saúde e famílias. Essas ações podem responder aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, especificamente aos que se referem à Paz, justiça e instituições eficazes e de modo articulado a Saúde e bem-estar, Educação de qualidade, Igualdade de gênero e Redução das desigualdades.¹⁶

Atualmente, há um grande número de estudos internacionais examinando os problemas adversos de saúde e psicossociais em decorrência do *bullying*, o que, ainda é um problema global de saúde pública.¹⁷ O papel da enfermagem nesse enfrentamento do *bullying* deve ter foco na implementação de políticas públicas, e na promoção de uma relação igualitária entre as pessoas.¹⁸

O enfermeiro pode atuar identificando grupos vulneráveis e organizando estratégias de enfrentamento da violência. Portanto, deve-se considerar sua relação com a sociedade e, neste

caso, com a violência em suas mais diversas tipologias e como problema de saúde pública.¹⁹ Vale ressaltar a importância da atuação da enfermagem no Programa Saúde nas Escolas (PSE), pois fundamentado nos princípios da intersetorialidade e da territorialidade, busca contemplar uma formação integral e ao desenvolvimento da cidadania de adolescentes estudantes da educação básica. Além disso, o PSE ancora à escola e a unidade básica de saúde como espaço de convivência social que favoreça o estabelecimento de vínculos positivos à promoção à saúde – educação em saúde.²⁰

Conclusão

O estudo atingiu o objetivo proposto ao analisar se o fenômeno *bullying* é praticado com frequência entre meninas adolescentes de 10 a 19 anos de idade. Quanto à alta prevalência do fenômeno *bullying*, foi possível verificar a frequência dos tipos dessa violência. Sendo a violência verbal a mais comum, seguida do racismo, que pode ser ainda maior uma vez que o mesmo pode ser entendido como violência do tipo emocional ou psicológica. Destaca-se o *bullying* como uma violência que se manifesta de diferentes formas no que diz respeito a sexo e gênero, tanto de quem é a vítima, como de quem é o agressor.

O *bullying* em meninas, nessa investigação, foi identificado como mais frequente dentro das salas de aula, onde há a presença do professor, caracterizando o *bullying* em meninas como um inimigo silencioso, pois como foi visto a partir do presente estudo, a presença do professor não intimida ou diminui a frequência de *bullying* entre as meninas. Portanto, é importante que os professores estejam atentos aos comportamentos dessas adolescentes, visto que a adolescência por si só, já é uma fase de mudanças e adaptações.

Vale ressaltar a importância do empenho da família, da comunidade escolar, das autoridades da saúde e da educação para quebrar paradigmas sociais, de racismo, de machismo e de maior vulnerabilidade femininas desde muito cedo. A enfermagem, também, deve-se fazer

presente com trabalhos de promoção à saúde para que as meninas adolescentes sejam aliadas no combate à violência, e que esse ciclo de aceitação seja quebrado e não perpetue para sua vida adulta. São necessárias intervenções em diversos âmbitos, no contexto familiar e escolar dessas adolescentes para que elas sejam cada vez mais confiantes, independentes e livres.

Este estudo teve como limitação o fato de ter sido realizado em apenas uma escola municipal. Desta forma, sugere-se que novos estudos voltados à temática sejam realizados em outras escolas do município para uma melhor compreensão sobre a prevalência do processo *bullying* da população brasileira, de uma forma que possa enriquecer as evidências sobre o processo e consequências do fenômeno.

Referências

1. Ministério da Saúde (BR). Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica [Internet]. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 2018 [acesso em 2020 jan 18]. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/proteger_cuidar_adolescentes_atencao_basica_2ed.pdf
2. Marcolino EC, Cavalcanti AL, Padilha WWN, Miranda FAN, Clementino FS. Bullying: prevalência e fatores associados à vitimização e à agressão no cotidiano escolar. *Texto & Contexto Enferm* [Internet]. 2018 [acesso em 2019 maio 14];27(1):2-10. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-07072018005500016>
3. Mello FCM, Silva JL, Oliveira WA, Prado RR, Malta DC, Silva MAI. A prática de bullying entre escolares brasileiros e fatores associados, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015 [Internet]. *Ciênc Saúde Colet* [Internet]. 2017 [acesso em 2019 maio 10];22(9):2939-48. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017229.12762017>
4. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) [Internet]. Rio de Janeiro; 2016 [acesso em 2019 abr 10]. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv97870.pdf>
5. Oliveira WA, Silva JL, Sampaio JMC, Silva MAI. Saúde do escolar: uma revisão integrativa sobre família e bullying. *Ciênc Saúde Colet* [Internet]. 2017 [acesso em 2019 abr 10];22(5):1553-64. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232017225.09802015>
6. Jesus JSG. Bullying como forma de sociabilidade juvenil: um estudo sobre práticas interacionais entre meninas na construção de identidades de gênero [tese]. São Paulo: Universidade de São Paulo; 2017

[acesso em 2019 maio 05]; 67 p. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6136/tde-18042017-094354/pt-br.php>

7. Martins CBG, Alencastro LCS. Características da violência sofrida por adolescentes escolares de uma capital brasileira. *Rev Eletrônica Enferm* [Internet]. 2015 [acesso em 2019 dez 08];17(3):1-10. Disponível em: <https://www.fen.ufg.br/revista/v17/n3/pdf/v17n3a13.pdf>

8. Silva JL, Oliveira WA, Bono EL, Dib MA, Bazon MR, Silva MAI. Associações entre bullying escolar e conduta infracional: revisão sistemática de estudos longitudinais. *Psicol Teor Pesqui* [Internet]. 2016 [acesso em 2019 dez 07];32(1):81-90. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v32n1/1806-3446-ptp-32-01-00081.pdf>

9. Zequinão MA, Medeiros P, Pereira B, Cardoso FL. Bullying escolar: um fenômeno multifacetado. *Educ Pesqui* [Internet]. 2016 [acesso em 2019 dez 07];42(1):181-98. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v42n1/1517-9702-ep-42-1-0181.pdf>

10. Santos LCS, Faro A. Bullying entre adolescentes em Sergipe: estudo na capital e interior do Estado. *Psicol Esc Educ* [Internet]. 2018 [acesso em 2019 dez 08];22(3):485-92. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-85572018000300485

11. Zequinão MA, Cardoso AA, Silva JL, Medeiros P, Silva MAL, Pereira B, et al. Desempenho escolar e bullying em estudantes em situação de vulnerabilidade social. *J Hum Growth Dev* [Internet]. 2017 [acesso em 2019 dez 08];27(1):19-27. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbcdh/v27n1/pt_03.pdf

12. Teresa MTM, Beatriz MB, Patrícia PM. Bullying na escola: causas e posicionamentos de alunos portugueses e brasileiros. *Rev Estud Invest Psicol y Educ*[Internet]. 2017 [acesso em 2020 jan 18];Vol Extr(02):63-8. Disponível em: <https://doi.org/10.17979/reipe.2017.0.02.2667>

13. Barros JP, Berlese DB, Sanfelice GR, Santos GA, Berlese DB. Bullying em adolescentes obesos e eutróficos no contexto escolar. *Contrib Cienc Soc* [Internet]. 2018 [acesso em 2019 abr 10]. Disponível em: <https://www.eumed.net/rev/cccss/2018/04/bullying-adolescentes-obesos.html/hdl.handle.net/20.500.11763/cccss1804bullying-adolescentes-obesos>

14. Silva JL, Oliveira WA, Zequinão MAZ, Lizzi EAS, Pereira BO, Silva MAI. Resultados de intervenções em habilidades sociais na redução de bullying escolar: Revisão sistemática com metanálise. *Trends Psychol* [Internet]. 2018 [acesso em 2019 abr 10];26(1):509-22. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.9788/tp2018.1-20pt>

15. Brasil. Presidência da República. Lei nº 13.185, de 06 de fevereiro de 2015. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying) [Internet]. 2015 [acesso em 2019 abr 15]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13185.htm

16. Albuquerque IMN, Gomes DF, Vasconcelos AMM, Aguiar DT, Silva TB. Bullying na concepção de estudantes do ensino fundamental de uma escola pública. Rev Enferm UFSM [Internet]. 2015 [acesso em 2019 dez 08];5(3):444-53. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/14795/pdf>
17. Moore SE, Norman RE, Suetani S, Thomas HJ, Sly PD, Scott JG. Consequences of bullying victimization in childhood and adolescence: a systematic review and meta-analysis. World J Psychiatry [Internet]. 2017 [acesso em 2020 jan 17];7(1):60-76. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5371173/?report=reader>
18. Freitas RJM, Moura NA, Monteiro ARM. Violência contra crianças/adolescentes em sofrimento psíquico e cuidado de enfermagem: reflexões da fenomenologia social. Rev Gaúch Enferm [Internet]. 2016 [acesso em 2019 dez 08];37(1):e52887. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&nrm=iso&lng=pt&tlng=pt&pid=S1983-14472016000100702
19. Pigozi PL, Machado AL. Bullying na adolescência: visão panorâmica no Brasil. Ciênc Saúde Colet [Internet]. 2015 [acesso em 2019 abr 09];20(11):3509-22. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1413-812320152011.05292014>
20. Casemiro JP, Fonseca ABC, Secco FVM. Promover saúde na escola: reflexões a partir de uma revisão sobre saúde escolar na América Latina. Ciênc Saúde Colet [Internet]. 2014 [acesso em 2019 dez 08];19(3):829-40. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232014000300829

Autor correspondente

Daniela de Aquino Freire

E-mail: daniela_3439@hotmail.com

Endereço: Rua Doutor Otávio Coutinho – Santo Amaro, Recife - PE

CEP: 52171-011

Contribuições de Autoria

1 – Daniela de Aquino Freire

Concepção e planejamento do projeto de pesquisa, bem como redação e revisão crítica.

2 – Raquel Rufino da Silva

Concepção e planejamento do projeto de pesquisa, obtenção e análise dos dados, bem como redação.

3 – Thaís da Silva Oliveira

Análise dos dados, bem como redação e revisão crítica.

4 – Kydja Milene Souza Torres

Redação e revisão crítica

5 – Juliana da Rocha Cabral

Redação e revisão crítica

6 – Maria Lúcia Neto de Menezes

Concepção e planejamento do projeto, bem como revisão crítica

Como citar este artigo

Freire DA, da Silva RR, Oliveira TS, Torres KMS, Cabral JR, Menezes MLN. A prática do bullying em adolescentes do gênero feminino. Rev. Enferm. UFSM. 2020 [Acesso em: Anos Mês Dia]; vol.10 e40: 1-19. DOI:<https://doi.org/10.5902/2179769239002>